

EMMI ITÄRANTA

memória  
da água

Tradução:

Liliana Negrello e Christian Schwartz

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

## PRÓLOGO

Está tudo pronto agora.

Todas as manhãs, durante sete semanas, varri as folhas caídas nos blocos de pedra que levam à casa de chá. E 49 vezes escolhi um punhado de folhas para jogar novamente nas pedras, de modo que o caminho não parecesse ter sido varrido. Essa era uma das coisas sobre as quais meu pai sempre insistia.

Sanja me disse certa vez que não é preciso agradecer os mortos. Talvez não. Talvez sim. Às vezes não vejo diferença entre uma coisa e outra. Afinal, como poderia se eles estão no meu sangue e nos meus ossos, se tudo que resta deles sou eu?

Durante sete semanas, não ousei ir até a nascente. Ontem, abri a torneira da casa e encostei a boca do cantil. Falei palavras bonitas e palavras feias e acho até que gritei e chorei, mas a água não se importa com os pesares humanos. Ela flui sem diminuir ou aumentar o ritmo, lá no centro da terra, onde apenas as pedras podem ouvir.

O cano despejou algumas gotas, talvez o correspondente a uma colherada, no meu cantil.

Sei o que isso quer dizer.

Hoje de manhã esvaziei o que sobrou da água do cantil no caldeirão, trouxe um pouco de turfa seca do barracão para dentro da casa de chá e posicionei tudo bem no centro da sala. Pensei no meu pai, cujos sonhos eu tinha violado, e na minha mãe, que mal podia esperar pelo dia em que eu me tornaria mestre do chá.

Pensei em Sanja. Espero que ela já esteja no lugar para onde estou indo.

Uma hóspede, cujo rosto não me é estranho, aproximou-se pelo caminho, oferecendo-me a mão. Estou pronta para aceitar. O mundo não vai girar mais rápido nem mais devagar quando tivermos atravessado o portão juntas.

O que resta é luz sobre a água, ou sombra inconstante.

PARTE UM

# Observadores da água

*Só o que muda pode ser permanente.*

Wei Wulong, “O caminho do chá”  
Século VII do antigo Qian

## CAPÍTULO UM

A água é o mais versátil de todos os elementos. Assim disse meu pai no dia em que me levou para o lugar que não existe. Embora tenha errado em muitas coisas, estava certo a respeito disso, pelo menos é no que ainda acredito. As águas mudam conforme a lua, abraçam a terra, não têm medo de morrer no fogo ou viver no ar. Entre na água de leve e sentirá um toque tão doce que quase se confunde com a pele. Mas choque-se contra ela e a água o quebrará em pedaços. Um dia, quando ainda existiam invernos no mundo — invernos frios, invernos brancos, invernos de cujos abraços era preciso deslizar e fugir para se aquecer —, dava para andar sobre a água cristalizada, chamada gelo. Já vi gelo, mas apenas na forma de cubos pequenos feitos pelo homem. A vida toda imaginei como seria andar sobre um mar congelado.

A morte é amiga íntima da água. Não dá para separá-las, e também não é possível afastá-las das nossas vidas, porque representam, no sentido último, aquilo de que somos feitos: a versatilidade da água e a opressão da morte. A água não tem começo nem fim, e a morte tem ambos. A morte é o começo e o fim. Algumas vezes, ela viaja escondida na água, outras,

a água afasta a morte, mas estão sempre juntas, no mundo e dentro de nós.

Também isso aprendi com meu pai, embora tenha a impressão de que acabaria compreendendo sozinha.

Pude escolher o meu começo.

Talvez possa escolher o meu fim.

O começo foi no dia em que meu pai me levou para o lugar que não existe.

Isso aconteceu algumas semanas depois que prestei vestibular, compulsório para todos os jovens da minha idade. Embora tenha me saído bem, não havia a menor possibilidade de largar o posto de aprendiz do meu pai para seguir os estudos na cidade. Foi uma escolha que fui obrigada a fazer e, talvez por isso, não tenha sido exatamente uma escolha. Era o que fazia meus pais felizes, e não me fazia infeliz... e isso era o mais importante na época.

Estávamos no quintal, atrás da casa de chá, e eu ajudava meu pai a pendurar os cantis para secar. Ainda tinha alguns na mão, mas a maioria jazia de ponta-cabeça, presa por grampos de metal. A luz do sol atravessava as superfícies translúcidas formando um véu. E pequenas gotas desciam dos cantis em filetes até, finalmente, caírem na grama.

— Um mestre do chá tem uma ligação especial com a água e com a morte — disse meu pai, enquanto examinava uma das películas à procura de rachaduras. — Chá não é chá sem a água, e sem o chá um mestre do chá não é mestre. Ele devota sua vida a servir os outros. E só comparece a uma cerimônia do chá como convidado uma vez na vida, quando sente que a morte se aproxima. Então, ordena que seu sucessor prepare o último ritual e, depois de ter se servido, espera sozinho na casa de chá até que a morte pouse a mão pesada em seu coração.

Meu pai atirou um cantil na grama, onde outros já se amontoavam. Remendar cantis nem sempre funcionava, mas eles custavam caro, como qualquer coisa feita de plástico durável, e, portanto, valia tentar.

— Alguém já se enganou alguma vez? — perguntei. — Alguém já pensou que a morte estava chegando quando não era a hora?

— Não na nossa família. Ouvi falar de um mestre do passado que ordenou ao filho que preparasse o ritual, se deitou no chão da casa de chá e, dois dias depois, voltou para a família. Os empregados acharam que fosse um fantasma e um deles teve um infarto. O mestre tinha pressentido a morte do empregado. O empregado foi cremado e o mestre ainda viveu por vinte anos. Mas não acontece com frequência.

Dei um tapa numa mutuca pousada no meu braço. O inseto se esquivou com um zunido estridente. A fita que prendia meu capuz antimosquito coçava e me apertava, mas eu sabia que se tirasse a proteção atrairia muito mais insetos.

— Como a gente sabe quando a própria morte está chegando?

— A gente simplesmente sabe — respondeu meu pai. — Assim como a gente sabe quando ama ou sente que conhece um estranho em sonho, mesmo sem nunca ter visto a pessoa. — Ele pegou os últimos cantis da minha mão. — Vá apanhar dois lampiões na varanda da casa de chá e apronte-os para mim.

Fiquei me perguntando para quê ele precisaria de lampiões, já que ainda era de tarde e, nessa época do ano, as noites não chegavam a empurrar totalmente o sol para baixo do horizonte. Fui até a casa de chá e peguei dois lampiões que estavam embaixo de um banco. Um vaga-lume caminhava em um deles. Chacoalhei o lampião em cima de alguns galhos de groseira.

lheira. Os vaga-lumes gostam de groselha, por isso, continuei a mover o lampião sobre os galhos até ter acordado um bocado de insetos dorminhocos e atraído alguns deles para dentro de cada lampião. Fechei o vidro e fui até meu pai.

Ele tinha colocado um dos cantis nas costas. Sua expressão era séria embaixo do capuz antimosquito. Estendi os lampiões na direção dele, mas meu pai apanhou apenas um.

— Noria, está na hora de eu mostrar uma coisa para você — disse ele. — Venha comigo.

Atravessamos o pântano seco, que se estendia dos arredores da nossa casa até o pé da serra, e depois subimos uma das colinas. Não foi uma longa caminhada, mas o suor já deixava meus cabelos colados na cabeça. Quando chegamos ao topo, onde começava o jardim de pedras, tirei o capuz. O vento era tão forte que não havia mais tantas mutucas e pernilongos quanto perto de casa.

O céu estava límpido e sereno. O sol ardia na pele. Meu pai parou, talvez para escolher o melhor caminho, e aproveitei para me virar e dar uma espiada. A casa do mestre do chá e seu jardim eram uma mancha verde que parecia flutuar na aridez de pó e pedras da paisagem. O vale era salpicado por casas do vilarejo e, do outro lado, se erguia a montanha Alvinvaara. Para além da montanha ficavam as áreas úmidas, onde se assomava um trecho da escura floresta de abetos. Ainda um pouco mais adiante ficava o mar, mas não era possível avistá-lo, nem mesmo nos dias mais bonitos. Do lado oposto dava para ver as árvores retorcidas da decadente Floresta Morta. Na minha infância havia bétulas anãs ali, que não chegavam a alcançar a altura da minha cintura. Certa vez cheguei mesmo a colher um bom punhado de mirtilos silvestres.



Havia um caminho que margeava o jardim de pedras, e meu pai escolheu segui-lo. Desse lado, a colina era cheia de cavernas. Quando mais nova, ia com frequência brincar ali. Ainda me lembro de um dia em que minha mãe me descobriu brincando de duende da montanha com Sanja e um grupo de outras crianças. Ela discutiu com meu pai, que tinha se esquecido de tomar conta de mim, e me arrastou pelo braço de volta para casa. Fui proibida de brincar com as crianças do vilarejo por um mês. Mas continuei a visitar as cavernas com Sanja todas as vezes que minha mãe viajava a trabalho, e nós brincávamos de exploradoras, aventureiras e agentes secretas do Novo Qian no Deserto Mediterrâneo. Havia dezenas de cavernas, talvez centenas, que gente explorava o mais minuciosamente possível. Estávamos sempre à procura de passagens secretas e tesouros escondidos — coisas que se lê em livros antigos ou se ouve em histórias do povo, mas que não existem de verdade.

Meu pai parou diante da boca de uma caverna que parecia a cabeça de um gato e entrou sem dizer uma palavra. A passagem era baixa. Minhas calças de tecido fino não chegavam a proteger os joelhos, que raspavam contra as rochas, e era com certa dificuldade que eu carregava o capuz e o lampião, que começava a brilhar de leve, conforme os vaga-lumes iniciavam seu trabalho no crepúsculo. Dentro da caverna, o ar era frio e pesado.

Reconheci o lugar. Tinha sido motivo de uma briga entre mim e Sanja certa vez, porque Sanja queria usá-lo como quartel-general da Crucial e Importante Sociedade de Exploradores do Novo Qian. Insisti que era um desperdício de espaço, já que a caverna era muito comprida e baixa, e ficava muito longe de casa para que conseguíssemos contrabandear comida convenientemente. No fim das contas, acabamos optando por uma caverna menor e mais próxima.

Meu pai continuou rastejando em direção ao fundo da caverna. Vi quando ele parou e colocou a mão direita na parede — pelo menos foi o que achei que tinha feito — e percebi um movimento do braço. A pedra acima da sua cabeça fez um som abafado e, naquele mesmo lugar, um buraco negro se abriu. A caverna era tão baixa naquele ponto que, quando ele se sentou, sua cabeça ficou no nível do buraco, para onde meu pai logo deslizou, levando o lampião. Consegui enxergar o rosto dele quando olhou para mim lá de dentro.

— Você vem?

Rastejei mais para o fundo da caverna e coloquei a mão na parede, no local em que vi meu pai abrir o buraco. Tudo o que podia enxergar era a luz bruxuleante do lampião contra a pedra. Mas meus dedos logo encontraram um relevo estreito em forma de concha, atrás do qual havia uma fenda larga e uma pequena alavanca escondida. A fenda ficava praticamente invisível, escondida pela pedra.

— Mais tarde explico como tudo isso funciona — disse ele.  
— Agora venha.

Eu o segui pelo buraco.

Sob a caverna havia outra caverna, ou talvez seja mais acertado dizer um túnel, que parecia mergulhar diretamente para dentro da colina. No teto, logo acima do buraco, havia um tubo de metal e um gancho grande, cuja utilidade não compreendi. Na parede, duas alavancas. Meu pai puxou uma delas e o buraco se fechou. O brilho dos lampiões se intensificou quando o túnel ficou na mais completa escuridão. Ele tirou o capuz antimosquito e o cantil, que trazia nos ombros, e colocou tudo no chão.

— Pode deixar o capuz — falou. — Você não vai precisar dele daqui pra frente.

O túnel descia para o coração da colina. Reparei que um cano de metal corria ao longo do caminho. Não conseguia andar com as costas eretas, e a cabeça do meu pai vez ou outra raspava no teto. A rocha abaixo dos nossos pés era estranhamente macia. A luz do lampião invadia as dobras da jaqueta do meu pai, enquanto a escuridão penetrava as cavidades das paredes. Fiquei atenta ao silêncio da terra ao redor, um silêncio diferente daquele experimentado lá em cima: mais denso, mais pesado. Vagarosamente, comecei a distinguir um som que se alongava e crescia lá no centro da colina, um som familiar e ao mesmo tempo estranho. Nunca tinha ouvido um som reverberar assim, livre, impulsionado unicamente por sua própria força e vontade. Era como o barulho da chuva batendo na janela, ou de uma bacia sendo esvaziada embaixo dos pinheiros, mas não era um som doméstico, um som controlado, não era produzido pela mão do homem. Ele me envolvia e me atraía, até que comecei a ter a impressão de estar escutando por entre as paredes, dentro do escuro.

Meu pai parou e vi, através da luz do lampião, que tínhamos chegado a uma passagem para outra caverna. O som rugia forte. Ele se voltou para mim. A luz dos vaga-lumes oscilava em seu rosto, exatamente como quando a gente ilumina a água, e o som da escuridão cantava forte às suas costas. Eu esperava que ele dissesse alguma coisa, mas meu pai simplesmente se virou outra vez e continuou a andar pelo caminho que se abria. Eu o segui.

Não dava para enxergar mais do que um palmo de distância, porque a luz dos lampiões não era forte o suficiente. A escuridão nos recebeu com um estrondo. O som era como o barulho da água fervendo no fundo de um caldeirão, ou melhor, como

o som de centenas e centenas de caldeirões onde a água estivesse exatamente no ponto de fervura, quando um mestre do chá sabe que é a hora de tirá-la do fogo antes que ela vire vapor e nunca mais possa ser apanhada. Senti algo frio e úmido no rosto. Caminhamos mais alguns passos e a luz dos vaga-lumes finalmente encontrou o som — e eu vi a nascente secreta pela primeira vez.

A água jorrava para fora da rocha em fios, fitas e cordões brilhantes e em enormes lâminas que se chocavam contra a superfície do lago, no fundo da caverna. O impacto fazia a água se retorcer ao redor das rochas, enrolando-se em espirais, agitando-se e dançando até se desenrolar novamente. A superfície tremia sob a força do impacto. Um estreito filete d'água fluía em direção à pedra em forma de concha — a fechadura do alçapão por onde tínhamos entrado — e depois desaparecia no chão. Vi uma coisa que parecia uma mancha branca na rocha que ficava abaixo do filete de água, e também mais uma alavanca na parede um pouco mais à frente. Meu pai deu um sinal para que eu me aproximasse da margem do lago.

— Experimente.

Afundi os dedos na água e senti sua força. Ela movia minhas mãos como se fosse a respiração de um animal, ou a pele de outra pessoa. Estava fria, muita mais fria do que qualquer outra coisa que eu já tivesse tocado. Molhei os lábios cuidadosamente, como tinha sido ensinada a fazer desde muito jovem: sempre provar a água antes de beber.

— É fresca — falei.

O lampião que meu pai tinha nas mãos iluminou um sorriso, que logo deu lugar a uma expressão mais séria.

— Você tem 17 anos, idade suficiente para entender o que vou dizer. Este lugar não existe. Esta nascente secou há muito tempo. Assim conta a história, e é nisso que todos acreditam. Mesmo quem conhece as lendas que falam de uma nascente na colina que, uma vez, proveu água para todo o vilarejo. Lembre-se. Esta nascente não existe.

— Vou lembrar — afirmei, mas só muito depois fui entender a promessa que tinha feito.

O silêncio não é vazio ou imaterial. Ele pode domar uma torrente de acontecimentos. E guarda um poder forte o suficiente para destruir tudo.

Voltamos pelo túnel. Quando nos aproximamos da entrada, meu pai pegou o cantil que tinha deixado por lá e o segurou perto do gancho do teto. Depois de checar se a boca do cantil estava aberta, girou uma das alavancas da parede. Ouvi um barulho elétrico, parecido com os barulhos dos utensílios de resfriar da cozinha, e logo percebi um novo ruído, diferente do primeiro, como se preso a algo de metal. Em seguida, um forte jato de água explodiu do teto diretamente dentro do cantil.

— Você que fez? — perguntei. — Ou foi a mamãe? Ela planejou tudo isso? Vocês construíram juntos?

— Ninguém sabe ao certo quem construiu — explicou ele. — Mas os mestres do chá sempre acreditaram que tivesse sido um deles, talvez o primeiro que se estabeleceu aqui, antes de os invernos desaparecerem e as guerras começarem. Agora, só a água pode lembrar o que aconteceu.

Ele desativou as alavancas. A força da água foi diminuindo e morrendo pouco a pouco, e o buraco por onde tínhamos entrado se abriu novamente.

— Você primeiro — disse ele.

Desci pelo buraco. Meu pai fechou o cantil com firmeza, então baixou-o em direção ao chão, onde o apanhei. Quando o buraco se fechou, a caverna parecia só uma caverna sem segredos.

O brilho dos vaga-lumes enfraqueceu pouco a pouco na luz do dia. Quando avançamos pelo jardim de casa, minha mãe, sentada embaixo de uma tenda, levantou os olhos das anotações que fazia a partir de um livro pesado em seu colo. Meu pai me entregou o lampião. Fiquei olhando a sombra das folhas brincando no caminho de pedras enquanto o observava andar em direção à casa de chá. Estava pronta para segui-lo, mas ele disse:

— Agora não.

Parada, um lampião em cada mão, fiquei ouvindo os vaga-lumes se debaterem contra as paredes de vidro. Foi só quando minha mãe falou comigo que me dei conta de que devia abrir as portas dos lampiões.

— Você se queimou no sol de novo. Onde foram?

Os vaga-lumes se espalharam pelo ar e sumiram nos arbustos.

— Num lugar que não existe — respondi, e só de olhá-la percebi que ela sabia exatamente onde a gente tinha estado e que também já estivera por lá.

Minha mãe não disse mais nada, não naquele momento, mas a expressão de calma abandonou seu rosto.

Mais tarde naquela noite, deitada na cama e protegida pelo mosquiteiro, fiquei observando a luz alaranjada do sol noturno e ouvi meus pais conversarem na cozinha por um bom tempo. Não dava para distinguir as palavras, mas percebi o tom pesado, que acabou invadindo meus sonhos.

## CAPÍTULO DOIS

O orvalho da noite ainda cobria o chão quando saí para ajudar meu pai a empilhar os cantis na parte de trás do heliciclo. A superfície plástica dos cantis brilhava ao sol da manhã. Apertei bem o cinto ao redor da carga e, depois de me certificar que tudo estava bem preso, coloquei a bolsa feita de algas no ombro e subi no veículo.

— Vá no Jukara — disse meu pai. — Ele dá um desconto.

Jukara era o mais antigo artesão especializado em plástico do vilarejo, um amigo do meu pai. Mas eu não confiava nele desde que, no ano anterior, cantis arrumados em sua loja tinham dado problema após pouquíssimo tempo de uso. Portanto, não respondi, simplesmente fiz um movimento com a cabeça que podia ser interpretado como um aceno positivo.

— E não demore o dia todo — acrescentou. — Temos convidados amanhã. Preciso de ajuda para limpar a casa de chá.

Afundi o pé no pedal para dar a partida. Um dos painéis solares estava quebrado e o motor falhava, então tive que manter o pé afundado por quase toda a estrada poeirenta, ladeada por árvores verde-douradas, que se estendia nos arredores de casa. Só depois que saí do bosque é que o veículo

ficou mais estável. Já na estrada principal, travei o pedal e descansei os pés enquanto o heliciclo se movia sem pressa pelo vilarejo. O ar da manhã gelava meus braços nus. A essa hora, as mutucas ainda não tinham aparecido. Tirei o capuz anti-mosquito, deixando o vento e o sol se espalharem pelo meu rosto. O tempo estava seco, o céu, azul, e a terra, silenciosa. Cheguei a ver alguns pequenos animais se mexendo na poeira em busca de água.

Passadas as casas mais distantes do vilarejo, cheguei à bifurcação da estrada. O caminho para a loja de Jukara era à esquerda. Parei, em dúvida, mas decidi pela direita, onde logo distingui a velha cerca azul tão familiar.

Como a maior parte das construções do vilarejo, a casa de Sanja era uma herança do mundo antigo, uma construção grande com múltiplos quartos, um quintal e uma garagem — fruto do tempo em que a maior parte das pessoas ainda possuía veículos de tecnologias hoje muito ultrapassadas. As paredes haviam sido consertadas inúmeras vezes e os pais de Sanja me disseram que, antigamente, a casa tinha um telhado praticamente plano, sem painéis solares, embora isso seja muito difícil de imaginar.

Quando parei do lado de fora do portão, vi Sanja no jardim, esvaziando o último cantil dentro de um barril de metal enquanto enfileirava xingamentos. A porta da frente estava aberta e um fluxo quase inaudível de pod-news saía da casa, atravessando a tela anti-mosquito que cobria a porta da frente. Sanja não estava usando seu capuz e, quando olhou para mim, vi logo que não tinha dormido.

— O maldito farsante me vendeu água salgada — disse, arrumando furiosamente o cabelo atrás das orelhas. — Não sei como. Eu provei a água, como sempre faço, e era potável. O



preço era um absurdo, então só comprei meio cantil, mas mesmo assim foi dinheiro jogado fora.

— Que tipo de recipiente era? — perguntei, passando pelo portão para estacionar no jardim.

— Um desses antigos. Daqueles grandes e transparentes que ficam apoiados num estrado, de onde sai um cano com uma torneira.

— Fraude do cano duplo — expliquei. — Vi acontecer na cidade, ano passado. Dentro do estrado tem um segundo recipiente escondido com água salgada. O cano tem duas saídas. A primeira é da água potável e a segunda, que fica escondida, da salgada. O vendedor oferece a prova do cano de água potável, depois muda a bica sem você perceber e vende a salgada.

Sanja me encarou por um instante e, enfim, desabafou:

— Burra, idiota.

Eu sabia que os xingamentos não eram endereçados a mim. Ela devia ter gasto a maior parte do salário mensal em água salgada.

— Pode acontecer com qualquer um — falei. — Você não tinha como saber. Talvez seja bom avisar aos outros.

Sanja suspirou.

— Vi outras pessoas comprando dele pouco antes de a feira terminar. Mas a essa altura o cara provavelmente já está longe, procurando pelo próximo otário.

Guardei meus pensamentos para mim mesma: mais de uma vez meus pais tinham me dito que, quando muitas fraudes começam a acontecer, é sinal de que tempos difíceis se aproximam, mesmo que o noticiário insista toda hora que a agitação é temporária e que a guerra está totalmente sob controle. Nos bons tempos a água também é escassa, mas a maior

parte das pessoas consegue se virar com as cotas mensais e os caloteiros não se dão ao trabalho de arregaçar as mangas. Os comerciantes de água que ocasionalmente param nos pequenos vilarejos sempre mantêm os preços altos, mas não colocam seu negócio, ou o dos concorrentes, em xeque vendendo água salgada. Não que não existam caloteiros quando as coisas vão bem, mas é que esse era o terceiro que aparecia no vilarejo em dois meses. O aumento súbito no número de enganadores provavelmente significava que havia fortes rumores nas cidades sobre uma cota nova e ainda mais restrita de água, talvez até um racionamento. Por isso, alguns fraudadores partiram das feiras atoladas de concorrentes na cidade grande para um mercado menos competitivo e com clientes mais ingênuos.

— Problemas com a água encanada de novo? — perguntei.

— A porcaria do cano precisa ser trocado — disse Sanja.

— Vou fazer isso eu mesma da próxima vez. Minja ficou doente na semana passada e não me atrevo a dar água da torneira para ela, mesmo fervida. O meu pai diz que pode ser usada, mas acho que ele desenvolveu um estômago de ferro depois de beber água suja por tantos anos.

Minja, a irmã de 2 anos e meio de Sanja, desde que nasceu vivia doente. Nos últimos tempos, Kira, a mãe, também estava adoentada. Não contei a Sanja, mas algumas vezes, já tarde da noite, vi um estranho sentado na porta da casa deles, uma figura esguia e sombria, não necessariamente má, simplesmente alguém que se sabia indesejado em qualquer lugar. A presença estava sempre quieta, esperando pacientemente, sem fazer menção de entrar nem de se afastar.

Pensei no que meu pai tinha me contado sobre a morte e os mestres do chá e, quando olhei para Sanja com aquelas olheiras de noites maldormidas no rosto tão jovem quanto o meu, a

imagem da presença sombria esperando na porta de repente me pesou nos ombros.

Algumas coisas não devem ser vistas. Outras não devem ser ditas.

— Você pediu permissão para consertar o cano?

Sanja bufou.

— Você acha que tenho tempo para esperar o processo burocrático? Tenho quase tudo de que preciso. Só não sei ainda como vou fazer para despistar os guardas da água.

Ela disse tudo em tom casual, como se estivesse falando de algo trivial, comum, não de um crime. Pensei nos guardas da água, nos rostos frios cobertos pelos capuzes antimosquito, andando em marcha ritmada e patrulhando as ruas estreitas em pares, sempre checando o uso mensal de cotas e executando punições. Tinha ouvido falar de surras, prisões e multas — e coisas piores circulavam pelo vilarejo, mas eu não sabia se eram verdadeiras. Pensei nas armas: sabres longos e brilhantes que eu tinha visto cortarem até metal quando, certa vez, testemunhei vários guardas brincando na rua com peças ilegais de canos que tinham confiscado da casa de uma velha senhora.

— Trouxe umas coisas para você consertar — falei, soltando o cinto de segurança que protegia os cantis. — Sem pressa. Quanto você cobra?

Sanja contou o número de cantis, passando os dedos pela pilha.

— Um dia e meio de trabalho. Cobro três cantis de água.

— Pago quatro. — Eu sabia que Jukara me cobraria dois, mas não me importava.

— Por quatro, posso consertar um agora mesmo.

— Trouxe mais uma coisa. — Peguei um livro fino na bolsa. Sanja viu e deu um gritinho abafado de alegria.

— Você é demais! — Mas logo sua expressão ficou preocupada novamente. — Ah, só que não terminei o outro ainda.

— Não tem problema. Já li os dois várias vezes.

Apesar de relutante, Sanja pegou o livro. E dava para ver que estava feliz. Como a maioria das famílias do vilarejo, a de Sanja não tinha livros. Pod-stories eram mais baratos e você podia comprar em qualquer mercado, ao contrário de papel.

Contornamos a casa carregando os cantis até a oficina de Sanja, construída por ela mesma no quintal. O teto era feito de algas secas e três das paredes eram de telas antimosquito, moldadas por postes de madeira. A parte de trás da casa de Sanja funcionava como a quarta parede da oficina. Ela puxou a fechadura de arame da porta e a trancou.

Empilhei os cantis na bancada de madeira que ficava no meio da oficina. Sanja colocou os que estavam com ela sobre os meus e levou um deles para a longa mesa encostada na parede sólida. Meu pai tinha marcado o rasgo com tinta cor de beterraba. Era um furinho no formato de uma estrela assimétrica.

Sanja acendeu o maçarico movido a luz solar e os fios do aparelho começaram a brilhar em um tom laranja-avermelhado. Ela pegou uma caixa cheia de pedaços de plástico de debaixo da mesa e escolheu um. Fiquei observando enquanto Sanja, cuidadosamente, aquecia tanto a película do cantil quanto o remendo, até que as duas superfícies estivessem moles e pegajosas. Ajeitou o plástico no lugar do furo e, depois de checar se ele de fato cobria toda a superfície, começou a nivelar a sutura para que ficasse bem justa.

Enquanto esperava, dei uma olhada na oficina. Sanja tinha juntado mais coisas desde minha última visita, algumas sema-

nas atrás. Como sempre, as compridas mesas estavam cheias de ferramentas, pincéis, vidros, tábuas de madeira, lampiões vazios e pedaços de coisas que eu não conseguia identificar. Mas a maior parte do espaço estava tomada por caixas de madeira transbordando de pedaços de plástico e metal. O metal era mais difícil de encontrar, porque as peças mais úteis tinham sido levadas às cidades para que o exército as derretesse, décadas antes, e depois disso as pessoas tinham juntado o que podiam de peças metálicas que ainda prestavam saqueando os lixões de metal. Mas agora, tudo o que se podia desenterrar nesses lugares eram peças aleatórias que não tinham nada a ver uma com a outra.

Restos de plástico, por outro lado, nunca faltavam, porque o plástico usado no mundo antigo levava séculos para degradar, não era como o nosso. A maior parte era de qualidade tão baixa ou estava tão estragado que não podia ser usado para fazer nada de útil, mas, algumas vezes, cavando mais fundo, dava para encontrar tesouros. Os melhores achados eram partes de equipamentos tecnológicos do mundo antigo: metal e plástico conjugados e criados para fazer coisas que ninguém no mundo atual fazia mais. Ocasionalmente, uma peça de maquinário abandonado era encontrada quase intacta, ou podia ser facilmente consertada. O que nos deixava perplexos era imaginar por que essas coisas tinham sido descartadas.

Em uma das caixas debaixo da mesa encontrei utensílios de plástico: canecas, pratos e uma jarra. Embaixo dessas coisas havia dois retângulos de plástico preto mais ou menos do tamanho e do formato dos livros que eu tinha no quarto, poucos centímetros mais grossos. Eram planos de um lado, mas, no verso, tinham dois buracos brancos redondos conectados. Um dos cantos do retângulo estava solto e uma fita escura brilhante

e lisa escapava de dentro. Havia algumas letras impressas no plástico. A maior parte era ilegível, mas dava para distinguir três letras: VHS.

— O que é isso? — perguntei.

Sanja tinha terminado de nivelar a sutura e se virou para olhar.

— Não tenho a menor ideia. Desenterei as duas peças na semana passada. Acho que eram partes recarregáveis de alguma máquina do passado, mas não consigo nem imaginar para que serviam.

Ela colocou a película do cantil em uma tábua. Levava um tempo para o plástico selar completamente. Pegou uma enorme mochila da mesa e a colocou nas costas.

— Quer vir desenterrar coisas enquanto o remendo esfria?

Andamos algumas quadras e, quando virei na rua que sempre pegávamos para ir até o lixão dos plásticos, Sanja me parou e disse:

— Não vamos por aí.

O símbolo chamou minha atenção de imediato. Naquela rua havia uma casa de madeira que, embora estivesse desgastada e manchada, um dia tinha sido amarela. O canto de um dos painéis solares do telhado estava quebrado. A construção era semelhante à maior parte das outras do vilarejo: erguida na época do mundo antigo e adaptada às circunstâncias do tempo presente. Porém, ela se destacava entre as casas pálidas e desbotadas por ser a única cuja porta tinha sido pintada recentemente. Um círculo azul brilhante sobressaía na madeira surrada, tão brilhante que a tinta ainda parecia fresca. Nunca tinha visto nada assim.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Não vamos falar sobre isso aqui — respondeu Sanja, me puxando pelo braço.

Vi um vizinho sair e percebi que ele evitou olhar para a porta marcada, acelerando os passos quando teve que passar em frente ao local. Exceto por aquele homem, a rua estava deserta.

Segui Sanja por um percurso sinuoso. Ela olhava para os lados e, somente quando teve certeza de que não havia ninguém à vista, sussurrou:

— A casa está sendo vigiada. O círculo apareceu na porta na semana passada. É sinal de um crime de água sério.

— Como você sabe?

— Minha mãe me contou. A mulher do padeiro parou em frente ao portão da casa dia desses e dois guardas da água apareceram do nada para perguntar o que ela estava fazendo ali. Eles disseram que as pessoas que viviam naquela casa eram criminosas da água. Só a deixaram ir embora porque ela conseguiu convencer os guardas de que tinha parado ali apenas para vender tortas de semente de girassol.

Eu conhecia os moradores. Um casal sem filhos com pais idosos. Era difícil imaginar que fossem culpados de um crime de água.

— O que aconteceu com os moradores? — perguntei. E fiquei pensando em seus rostos comuns e cansados e em suas roupas modestas.

— Ninguém sabe ao certo se eles ainda estão dentro da casa ou se foram levados — respondeu Sanja.

— O que acha que vão fazer com eles?

Sanja olhou para mim, deu de ombros e ficou em silêncio. Percebi que ela havia falado em trocar os canos de água de forma ilegal. Olhei para trás. A casa tinha desaparecido de vista,

mas o círculo azul ainda brilhava em minha mente. Era como uma ferida aberta tatuada na pele do vilarejo. Perigosa demais para qualquer pessoa se aproximar e coberta de silêncio.

Continuamos ao longo do caminho tortuoso.

Atravessamos um riacho barrento e quase seco que escorria perto do lixão dos plásticos. Quando éramos crianças, o lixão era um local proibido. Minha mãe dizia que o chão era tóxico e que era perigoso pôr os pés ali — um deslize e você podia cortar as roupas ou a pele em algo afiado. Naquela época, Sanja e eu planejávamos excursões secretas ao lixão dos plásticos com muito cuidado, em geral escolhendo vir perto do anoitecer, quando não era escuro o bastante para precisarmos de lampiões e nem tão claro a ponto de alguém nos reconhecer de longe.

O lixão dos plásticos era um pedaço de terra grande, íngreme e instável, cheia de cantos cortantes, superfícies ásperas, arestas afiadas e lascas pontudas que emergiam de forma abrupta e imprevisível. Os vales e morros formados pelos resíduos viviam mudando de forma. As pessoas moviam pilhas de lixo de um lado para o outro, repisavam as partes planas, que ficavam ainda mais firmes, cavavam buracos e criavam morros ao redor deles, revolvendo camadas e camadas de resíduos — tudo em busca de plástico utilizável e madeira que não estivesse muito empenada. O cheiro e o aspecto familiar do lixão me trouxeram à memória as botas de cano longo que usava para prevenir cortes nas pernas. Quase podia sentir de novo a aspereza daquelas botas, nas quais meus pés escorregavam suados e sujos.

Dessa vez, usava um par de sapatos de verão que mal cobriam os tornozelos, mas já era mais velha e o dia estava claro.



O plástico descartado rangia sob o peso dos nossos passos, enquanto mutucas e outros insetos zumbiam alto ao redor das nossas cabeças encapuzadas. Abaixei as mangas da camisa e as enrolei bem apertadas nos punhos, já sabendo que qualquer pedaço de pele nua atrairia ainda mais insetos. No final do dia, meus tornozelos estariam queimados de sol e inchados de picadas.

Fiquei atenta, buscando qualquer coisa que valesse a coleta, mas não havia nada de interessante: lençóis de plástico brancos, sujos e amassados, sapatos que pareciam desconfortáveis, com saltos quebrados, uma cabeça de boneca. Parei e olhei para trás, mas Sanja não estava mais lá. Tinha se afastado uns metros e estava agachada cavando numa pilha. Cheguei perto bem na hora em que ela puxou o que parecia ser uma caixa grande do meio de um monte de potes, cabides retorcidos e uma ponta de plástico preto.

A caixa tinha formato retangular. Eu nunca tinha visto uma coisa assim. A superfície preta, toda arranhada, parecia ter sido brilhante e polida algum dia. Nas extremidades havia buracos redondos cobertos por uma redinha de metal.

— Caixas de som — explicou Sanja. — Já vi algumas parecidas em outras tecnologias do passado. Eram usadas para dar potência.

Havia uma pequena cavidade retangular entre as caixas de som, com uma tampinha que abria pelo canto. Embaixo do buraco havia botões com comandos de flechinhas que apontavam para várias direções. Quando a gente girava o maior dos botões, um ponteiro vermelho se mexia em uma escala numérica com combinações de números que não faziam o menor sentido: 92, 98, 104 e assim por diante. No final da escala dava para ler as letras “Mhz”. Bem no meio da parte de cima do equi-

pamento tinha um círculo, pouco maior que os das caixas de som, coberto por uma tampa parcialmente transparente.

Já sabia que Sanja ia querer levar a máquina para casa. Só de olhar o rosto da minha amiga dava para sentir que ela estava matutando sobre o que teria dentro daquele equipamento. Com certeza já estava considerando abri-lo, memorizar todas as partes e conduzir eletricidade do gerador solar para ver o que ia acontecer.

Andamos pelo lixão por mais um tempo, no entanto, só encontramos os resíduos habituais — brinquedos quebrados, pedaços de coisas irreconhecíveis, pratos, copos e uma interminável quantidade de sacolas de plástico mofadas. Quando nos preparávamos para voltar ao vilarejo, falei para Sanja:

— Queria poder cavar até bem lá embaixo. Talvez assim a gente conseguisse entender o mundo antigo e as pessoas que jogavam essas coisas fora.

— É uma perda de tempo ficar pensando nelas.

— Você também pensa nelas — insisti. — Não viria aqui se não pensasse.

— Não é nas pessoas que eu penso — defendeu-se Sanja. — É nas máquinas, em todo o conhecimento que essas pessoas deviam ter e no que deixaram pra gente. — Ela parou e segurou o meu braço. Dava para sentir o calor dos dedos atravessando o tecido da minha camisa e a ardência do sol no resto da pele, dois tipos de calor diferentes, um bem ao lado do outro. — Não vale a pena pensar nelas, Noria. Elas também não pensavam na gente.

Eu tentava não pensar nelas, mas o mundo antigo drenou o mundo presente, trouxe o tipo de céu que temos hoje, toda essa

poeira. Será que o mundo presente, o mundo atual, alguma vez passou pela cabeça de algum deles? Imagino uma dessas pessoas do passado parada à beira do rio, que agora é apenas uma cicatriz seca na paisagem. Pode ser uma mulher, nem jovem nem velha, ou talvez um homem. Não importa. Que seja uma mulher de cabelo castanho-claro. Ela olha o rio correr, pode ser um rio meio barrento, ou de águas claras, e, por um momento, uma sensação do que pode acontecer no futuro invade seus pensamentos.

Imagino que ela volte para casa e faça uma coisa diferente naquele dia por causa dessa sensação. E continua assim no dia seguinte, no outro também.

Mas aí vejo outro quadro em que ela volta para casa e não faz nada diferente. Não sei qual das duas mulheres é a real e qual é apenas um reflexo claro como a água, quase óbvio o bastante para ser confundido com a realidade.

Olho para o céu, para a luz e para a terra — tudo igual na época deles, mas ao mesmo tempo tão diferente. Nosso mundo não para de sangrar.

Quase não falamos no caminho de volta para a casa.

Sanja se abrigou na sombra da varanda enquanto eu ajeitava o cantil consertado na traseira do veículo e entrava para dar a partida do heliciclo. O dia se erguia imenso e límpido, e Sanja parecia pequena, miúda e escura escondida na sombra.

— Noria — disse ela. — Sobre o preço.

— Trarei dois cantis cheios mais tarde — falei.

Quando já tomava o rumo para a casa do mestre do chá, ainda pude ver seu sorriso. Tímido e pálido, mas ainda assim um sorriso. Quem não ficaria nada satisfeito seria o meu pai.